



LUDOTERAPIA CENTRADA NA CRIANÇA NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

Child-Centered Play Therapy in the Contemporary Brazilian Scenario:
Notes and Reflections

ROSA ANGELA CORTEZ DE BRITO*
ANA PAULA RAMOS CARNAHIBA**

Terapia de Juego Centrada en el Niño en el Escenario Brasileño Contem-
poráneo: Apuntes y Reflexiones

Resumo: As proposições teóricas de Virginia Mae Axline são referências importantes desde a década de 1940. Axline estudou e trabalhou com Carl Rogers, criador da Terapia Centrada no Cliente (TCC). Mesmo que a teoria de Rogers tenha se modificado, não se reconhece o mesmo trajeto na Ludoterapia Centrada na Criança (LCC). Em contexto brasileiro, sinaliza-se que as pesquisas teóricas e práticas acerca do atendimento psicoterápico com crianças ainda apresentam, como principal fundamento, a teoria da ludoterapia não-diretiva de Axline. Coloca-se em questão o quanto e como as práticas psicoterápicas com crianças, nas psicologias humanistas de inspiração rogeriana, têm se desenvolvido no Brasil. Somado isso, desde 2020, o mundo tem vivido as consequências da pandemia causada pela COVID-19, com efeitos significativos, especialmente para as crianças. Este estudo objetivou discutir como a Ludoterapia Centrada na Criança (LCC) tem sido desenvolvida teórica e interventivamente no Brasil na atualidade. A metodologia foi de natureza qualitativa. Foi realizada uma revisão narrativa de literatura, por meio de pesquisa na Biblioteca Virtual de Saúde no período de 2017 a 2022. Foram selecionados 4 estudos. Os eixos temáticos prevalentes foram a discussão ética da ludoterapia centrada na criança com fundamentação na filosofia de Emmanuel Lévinas; a proposta de um estilo de clínica com crianças inspirada na filosofia de Lévinas; a pandemia de COVID-19 e a Ludoterapia Centrada na Criança. Verifica-se a necessidade de desenvolvimento de pesquisas teóricas que tragam apontamento metodológicos para o cenário brasileiro. Ressalta-se a necessidade de desenvolvimento de pesquisas empíricas.

Palavras-chave: Ludoterapia; Psicoterapia Centrada na Pessoa; Psicologia Clínica; Psicologia Infantil; COVID-19.

Abstract: Virginia Mae Axline's theoretical propositions have been important references since the 1940s. Axline studied and worked with Carl Rogers, creator of the Client-Centered Therapy (CCT). Even though Rogers' theory has changed, the same path is not recognized in Child-Centered Play Therapy (CCPT). In the Brazilian context, it is pointed out that theoretical and practical research on psychotherapeutic care with children in Brazil still presents, as its main foundation, Axline's non-directive play therapy. It is questioned how psychotherapeutic practices with children have developed in Brazil in Rogerian-inspired psychologies. In addition, since 2020, the world has been experiencing the consequences of a pandemic caused by COVID-19, with significant effects, especially for children. This study aimed to discuss how Child-Centered Play Therapy (CCPT) has been developed theoretically and interventionally in Brazil today. The methodology was qualitative. A narrative literature review was conducted by searching the Virtual Health Library from 2017 to 2022. Four studies were selected. The prevalent thematic axes were the ethical discussion of child-centered play therapy based on the philosophy of Emmanuel Lévinas; the proposal for a clinical style with children inspired by Lévinas' philosophy; the COVID-19 pandemic and Child-Centered Play Therapy. There is a need to develop theoretical research that brings methodological points to the Brazilian scenario. The need for the development of empirical research is emphasized.

Keywords: Play Therapy; Person-Centered Psychotherapy; Clinical Psychology; Child Psychology; COVID-19.

Resumen: Las propuestas teóricas de Virginia Mae Axline han sido importantes referencias desde la década de 1940. Axline estudió y trabajó con Carl Rogers, creador del Terapia Centrada em el Cliente (TCC). Aunque la teoría de Rogers haya cambiado, em la Terapia de Juego Centrada en el Niño (TJCN) no se reconoce el mismo camino. En el contexto brasileño, se señala que las investigaciones teóricas y prácticas sobre la psicoterapia con niños aún presentan, como fundamento principal, la teoría de la terapia de juego no directiva de Axline. Se cuestiona cuánto y cómo se ha desarrollado em Brasil las prácticas psicoterapéuticas con niños en psicologías humanistas de inspiración rogeriana. Además, desde 2020, el mundo vive las consecuencias de una pandemia causada por el COVID-19, con efectos significativos, especialmente para los niños. Este estudio tuvo como objetivo discutir cómo la Terapia de Juego Centrada en el Niño se ha desarrollado teórica e intervencionalmente en Brasil en la actualidad. La metodología fue de naturaleza cualitativa. Se realizó una revisión bibliográfica narrativa mediante búsquedas en la Biblioteca Virtual de Salud desde 2017 hasta 2022. Se seleccionaron cuatro estudios. Los ejes temáticos prevalentes fueron la discusión ética de la ludoterapia centrada en el niño a partir de la filosofía de Emmanuel Lévinas; la propuesta de un estilo clínico con niños inspirado en la filosofía de Lévinas; la pandemia del COVID-19 y la Terapia de Juego Centrada em el Niño. Existe la necesidad de desarrollar investigaciones teóricas que aporten puntos metodológicos al escenario brasileño. Se destaca la necesidad de desarrollar investigaciones empíricas.

Palabras clave: Ludoterapia; Psicoterapia Centrada en la Persona; Psicología Clínica; Psicología Infantil; COVID-19.

* Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil. E-mail: rosa.brito@ufmt.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3917-7677>.

** Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil. E-mail: psi.anapaulacarnahiba@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4767-2689>.



Introdução

As proposições teóricas de Virginia Mae Axline são referências importantes desde a década de 1940. Segundo Crenshaw e Kenney-Noziska (2014), na ludoterapia dessa época, seja a comportamental ou a psicanalítica, dava-se menos atenção ao papel desempenhado pelo terapeuta ou à sua qualidade de presença na terapia. A exceção era a ludoterapia não-diretiva (Axline, 1980). Atualmente, verifica-se ainda que os trabalhos propostos pela autora ainda são amplamente estudados e utilizados nos meios profissionais e acadêmicos (Garcia, 2002; Moraes, 2011; Santos, 2018; Porto, 2020).

Axline estudou e trabalhou com Carl Rogers, um dos precursores da psicologia humanista e criador da Terapia Centrada no Cliente (TCC). Sob sua orientação, ela desenvolveu uma prática clínica que é considerada o principal marco teórico no trabalho com crianças dentro da abordagem (Garcia, 2002; Moraes, 2011), com repercussões na história da psicoterapia com crianças (Brito, 2020). Axline desenvolveu seu trabalho entre as décadas de 1930 e 1940, influenciada pelo então emergente aconselhamento não-diretivo de Rogers.

Mesmo que a teoria de Rogers tenha se modificado, não são reconhecidas as modificações do atendimento com crianças nesse referencial, algo já apontado como importante de ser verificado (Brito, 2012). Neste contexto, os princípios cunhados por Axline (1980) para uma atuação ludoterapêutica não-diretiva seriam suficientes para promover efetividade ao seu trabalho. Contudo, os princípios da autora se fundamentam numa ótica não-diretiva, que apresentou modificações a partir das pesquisas posteriores realizadas por Rogers (1992; 2017) e que culminaram na Terapia Centrada no Cliente (TCC). As mudanças metodológicas e interventivas da TCC não seguiram o mesmo trajeto na proposição de uma Ludoterapia Centrada na Criança (LCC) (Brito, 2012; Porto, 2020; Ivo, 2022).

Em contexto brasileiro, uma parcela importante das pesquisas teóricas e práticas acerca do atendimento psicoterápico com crianças, nas psicologias humanistas de inspiração rogeriana, ainda apresentam como principal fundamento a teoria da ludoterapia não-diretiva, com poucos avanços teóricos e interventivos. Coloca-se em questão o quanto e como as práticas psicoterápicas com crianças nesse referencial têm se desenvolvido no Brasil, para além das proposições de Axline, publicadas no final da década de 1940, em contexto estadunidense. Compreende-se que situações que remetem ao contexto social e cultural latino-americano, o desenvolvimento de tecnologias que surgiram em décadas posteriores, a virtualidade que atravessa as formas de se relacionar contemporâneas são elementos não existentes no cenário na qual Axline viveu e que justificam essa discussão acerca dessa psicoterapia na atualidade brasileira.

Somado a essa discussão, desde o ano de 2020, o mundo tem vivido as consequências de uma pandemia causada pelo vírus da COVID-19. Os estudos sobre as consequências físicas, psíquicas e sociais da pandemia são importantes. A literatura aponta que os efeitos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes são maiores que em outras faixas etárias. Esse sofrimento é percebido desde o processo de isolamento social, que refletiu em mudanças na rotina escolar (falta de convivência e aprendizado com outras crianças e espaços ao ar livre), até a manifestação de atitudes como: baixa expressão de afeto, nervosismo, irritação, além de maior dependência dos pais, mães ou cuidadores (Silva et al., 2021; Capistrano et al., 2022; Feitosa et al., 2022; Santos et al., 2022).

Nesse período, foram tomadas medidas de isolamento social, o que exigiu dos psicoterapeutas a parada dos atendimentos presenciais com crianças. Diante deste cenário, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro apresentou flexibilizações que alteraram a resolução até então vigente (CFP, 2018) para atendimentos mediados pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC's). Estas mudanças convergem na promulgação da Resolução CFP 04/2020 (CFP, 2020) e possibilitam, diante da migração compulsória de seus atendimentos para a modalidade *on-line*, que os atendimentos sejam retomados de forma mais rápida.

Pode-se inferir, a partir desse cenário, que o psicoterapeuta que trabalhava com crianças pelo referencial rogeriano e que costumava atender de forma presencial, viu-se obrigado a aderir aos atendimentos virtuais. Por isso, acredita-se que, assim como os dados apontados acima, é importante discutir como esse processo se deu, a partir dos trabalhos publicados no contexto da pandemia.

O presente estudo, inicialmente, buscava reconhecer como a teoria e prática da Ludoterapia Centrada na Criança (LCC) vinha se desenvolvendo no Brasil. Contudo, o contexto da pandemia, mesmo que atual-



mente mais flexível, ampliou o questionamento para as teorias e práticas de atendimento *on-line* com crianças possivelmente existentes no cenário brasileiro. Por meio de uma revisão narrativa de literatura, objetiva-se neste artigo discutir como a LCC tem sido desenvolvida teórica e interventivamente no Brasil, na atualidade.

Compreende-se que essa pesquisa pode contribuir para reconhecer como as produções científicas brasileiras recentes possuem correlações ou divergências em relação à teoria clássica de Axline. Questiona-se o que foi acrescido ou atualizado na psicoterapia infantil, de que forma os profissionais e pesquisadores da ACP estão dando continuidade ou transformando o trabalho desenvolvido pela autora, considerando possíveis acréscimos nas intervenções realizadas no contexto pandêmico, bem como suas implicações.

Método

O presente artigo é uma revisão narrativa de literatura, de natureza qualitativa. Pavani et al. (2021) apontam que essas revisões permitem conhecer e discutir, a partir de dados documentais, novos temas e teorias, bem como possibilitam as análises subjetiva e crítica do pesquisador. Rother (2007) explica também que, em situação de discussão e problematização sobre determinado tema teórico ou contextual os estudos de revisão narrativa demonstram ser mais adequados em relação a outros modelos.

Para Figueiredo (1990), a revisão cumpre um papel significativo para a troca de informações no meio acadêmico e também fora da academia, com a menção de possuir duas funções que estão interligadas: “1. Constituem-se em parte integral do desenvolvimento da ciência: função histórica. 2. Fornecem aos profissionais de qualquer área, informação sobre o desenvolvimento corrente da ciência e sua literatura: função de atualização” (p. 132). Bento (2012) amplia o conceito, afirmando que este tipo de trabalho científico propicia a ampliação dos temas pesquisados para que outras pessoas acessem possibilidades e desenvolvam estudos futuros.

Destarte, para atender ao objetivo desse estudo, esta revisão pautou-se no levantamento e análise de artigos científicos publicados no Brasil, em língua portuguesa, no período entre janeiro de 2017 e julho de 2022, devendo estes estudos serem de acesso total e gratuito. O levantamento aconteceu no mês de agosto de 2022. Os critérios para busca e seleção, delimitação de tempo (últimos cinco anos) e origem (local de publicação) foram escolhidos por compreender-se que abrangeriam os estudos mais recentes acerca das atuações e discussões teóricas no referencial da ludoterapia centrada na criança no Brasil.

Para a coleta, foi realizada a busca no Portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), que contempla diversas bases de dados, entre elas Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), IndexPsi Periódicos, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Utilizou-se os descritores “ludoterapia”, “psicoterapia centrada na pessoa”, “Axline” e “COVID-19”. Foram considerados para a busca os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), da BVS.

As etapas de busca e seleção de artigos ocorreram de acordo com o esquema apresentado a seguir: fase 1) Busca inicial no portal BVS em dois momentos, ou seja, com os conjuntos de descritores A para “ludoterapia” AND “psicoterapia centrada na pessoa” AND “COVID-19” e B para “ludoterapia” OR “psicoterapia centrada na pessoa” AND “COVID-19”. Diante da inexistência de estudos para a busca realizada, optou-se por retirar o descritor COVID-19 e a busca passou a apresentar resultados. Na fase 2): os descritores A1 para “ludoterapia” e B1 para “psicoterapia centrada na pessoa” foram inseridos em separado. Nas duas fases foram inseridos os seguintes filtros: artigos em língua portuguesa, publicados no período entre 2017 e 2022.

Posteriormente, realizou-se a leitura completa dos textos, seguiu-se com a análise descritiva dos artigos, que culminaram no estabelecimento de três eixos temáticos. Os dois primeiros se constituíram a partir de sua recorrência nos estudos e o terceiro, foi oriundo da ausência do resultado na primeira busca realizada, com o descritor “COVID-19”. Dessa forma, os eixos apresentados a seguir são: Discussão ética da Ludoterapia Centrada na Criança com fundamentação na filosofia de Emmanuel Lévinas; Proposta de um estilo de clínica com crianças inspirada na filosofia de Lévinas; Inexistência de estudos no contexto da pandemia de COVID-19.

Resultados e Discussão

Nas buscas iniciais, após a retirada do termo “COVID-19”, foram encontradas um total de 19 correspondências para A e 13 para B. Na fase 2, a de busca com os descritores separados, foram obtidos seis artigos: dois para o descritor A1 e quatro para o descritor B1.

Foram excluídos 17 trabalhos nas buscas realizadas, pelos seguintes motivos: duplicidade; por serem publicados em periódicos estrangeiros, por serem outros tipos de textos que não artigos científicos, por terem sido publicados antes de 2017. Ao final, quatro estudos foram selecionados. Após essa etapa, os resumos dos artigos foram lidos para verificação de adequação ao objetivo da pesquisa. Os quatro estudos, descritos no quadro 1 e marcados com asterisco nas referências, permaneceram incluídos e seguiram para leitura do texto completo.

Quadro 1 – Artigos selecionados e características gerais



Nº	Artigo	Dados Gerais	Instituição de afiliação	Endereço eletrônico
1	Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança - desenvolvimento histórico.	- Autor (es): Brito, Rosa Angela Cortez de; Freire, José Célio; Bloc, Lucas Guimarães; Cavalcanti, Virginia de Saboia Moreira. - <i>Rev. abordagem gestál. (Impr.)</i> ; 27(2): 213-226, maio-ago. 2021. - Artigo em Português. LILACS, Index Psicologia – Periódicos.	Universidade de Fortaleza/BR	Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v27n2/v27n2a09.pdf
2	Carl Rogers e Emmanuel Lévinas: caminhos éticos na Abordagem Centrada na Pessoa.	- Autor (es): Vasconcelos, Alice dos Santos; Souza, Sandra. - <i>Rev. abordagem gestál. (Impr.)</i> ; 27(2): 189-201, maio-ago. 2021. - Artigo em Português. LILACS, Index Psicologia – Periódicos.	Universidade Federal da Paraíba/BR	Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672021000200007
3	O Infinito Infantil: Caminhos de Alteridade na Ludoterapia de Axline.	- Autor (es): Vasconcelos, Alice; Souza, Sandra. - <i>Psicol. (Univ. Brasília, Online)</i> ; 38: e38415, 2022. - Artigo em Português. LILACS-Express. LILACS, Index Psicologia – Periódicos.	Universidade Federal da Paraíba/BR	Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/PHDXMDVnfpNFNkpsCwYsWHf/?lang=pt
4	Ludoterapia e alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas.	- Autor (es): Vasconcelos, Alice; Souza, Sandra. - <i>Psicol. Estud. (Online)</i> ; 27: e47800, 2022. - Artigo em Português. LILACS, Index Psicologia – Periódicos.	Universidade Federal da Paraíba/BR	Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/Yq7gq4w6yWnyvVJwKYSLzjq/

Fonte: Portal BVS, 2022.

As quatro produções encontradas no período demarcado foram publicadas entre 2021 e 2022: dois artigos em 2021 e dois em 2022. Nos anos anteriores não foram obtidos estudos na base de dados pesquisada. Todos os achados são da região Nordeste, sendo metade deles publicados na Revista da Abordagem Gestáltica. Três dos artigos encontrados são de natureza teórica e um estudo de natureza empírica.

Os dados encontrados confirmam uma tendência já sinalizada por Branco e Cirino (2017), sobre o panorama da Psicologia Humanista no Brasil. Os estudos em Ludoterapia Centrada na Criança, no contexto brasileiro têm prevalência teórica, são pesquisas realizadas no nordeste brasileiro, bem como apresentam fundamentação e/ou articulação com a fenomenologia filosófica, com o propósito de desenvolvimento da psicoterapia humanista com crianças.

Os assuntos discutidos nestes artigos abordam temas sobre: o avanço e a atualização da Ludoterapia Centrada na Criança desde a ludoterapia não-diretiva de Axline; discussão sobre o desenvolvimento histórico da ludoterapia; o acolhimento à alteridade radical infantil; implicações éticas no atendimento à criança e



sua família; inspirações filosóficas para a construção teórica e prática no atendimento psicoterápico infantil; e modelos não totalizantes de clínica. Os estudos encontrados, como informado acima, não contemplam a Ludoterapia Centrada na Criança no contexto da pandemia do novo Coronavírus.

Discussão ética da Ludoterapia Centrada na Criança com fundamentação na filosofia de Emmanuel Lévinas

Em Brito et al. (2021), um dos trabalhos encontrados, os autores propõem uma sistematização da Ludoterapia Centrada na Criança que contemple o seu desenvolvimento histórico. A partir de estudos de diferentes nacionalidades, os autores apresentam um debate sobre estudos clássicos e recentes sobre a prática clínica com crianças. No estudo, o reconhecimento das diferenças entre as ludoterapias praticadas em diferentes momentos e contextos possibilita maior clareza acerca das mudanças teóricas, metodológicas e práticas dessa clínica.

Característico do contexto teórico brasileiro, no período pós-rogeriano (Moreira, 2010), os estudiosos da ACP tem forte influência da filosofia fenomenológica (Moreira, 2010; Branco & Cirino, 2017). Todos os estudos encontrados, em convergência com essa discussão, apontam que, em contexto brasileiro, os trabalhos em Ludoterapia Centrada na Criança também apresentam fundamentação na fenomenologia. Especificamente em Brito et al (2021) há uma ênfase na qualidade da relação terapêutica e nas atitudes do psicoterapeuta como elementos fundantes para a uma clínica da intersubjetividade.

No esteio dessa discussão, os artigos de Vasconcelos e Souza (2021; 2022a; 2022b), também elencam caminhos para uma Ludoterapia Centrada na Criança fundamentada e que possibilite dar espaço ao Outro. Ao apresentar noções da filosofia fenomenológica levinasiana como norteadoras em seu estudo, Vasconcelos e Souza (2021) apontam convergências e divergências dessa filosofia, em diálogo com o pensamento de Rogers.

Verifica-se desde Freire (2001), o ponto de partida para a discussão sobre a alteridade radical proposta pelo filósofo Emmanuel Lévinas e suas implicações na ACP, no contexto brasileiro. Inicialmente, os estudos de Freire apontam para um “lugar vacante do outro” (2001, p. 78) levinasiano, o que interferia diretamente nas possibilidades de escuta dessa alteridade na perspectiva rogeriana de atendimento.

Esse panorama ganha uma outra interpretação em Vieira e Freire (2006), quando os autores apontam para uma compreensão da psicologia centrada na pessoa e de sua clínica, a partir do reconhecimento da possibilidade de uma escuta do não totalizável nesse referencial. No esteio dessa discussão, Brito (2012) e Brito e Freire (2014) discutem a dimensão ética na perspectiva clínica centrada com crianças, o que exige uma atitude de disponibilidade e responsabilidade do psicólogo diante da alteridade que se manifesta no fenômeno infantil.

Brito (2012) argumenta, no contexto da Ludoterapia Centrada na Criança, sobre a possibilidade de uma prática que possa oferecer espaço e acolhimento à alteridade infantil. Para a autora, existe uma responsabilidade ética do terapeuta, compreendida como habilidade de resposta, ao chamado da criança. As atitudes de não conduzir o processo e de não inserir a criança em modelos totalizantes, mesmo reconhecendo-os como existentes, abrem lugar ao ‘radicalmente outro’ nesta psicoterapia.

Segundo Brito (2012), seu estudo não propunha uma articulação entre a filosofia levinasiana e a prática clínica com crianças. Destacava, contudo, que essa fenomenologia poderia ser uma fundamentação relevante para o psicoterapeuta de crianças. Essa leitura ética aponta para uma atitude profissional que esteja atenta à necessidade da criança e que seja para ela habilidade de resposta, mais do que uma tentativa de adaptação da criança a um modelo infantil demandado socialmente.

Os três estudos citados no parágrafo anterior convidam a comunidade de psicoterapeutas a um embate de ideias que possibilite à ACP repensar suas configurações enquanto abordagem das relações humanas, sem a necessidade de superação completa de suas diferenças. Os estudos reconhecem que os princípios rogerianos de abertura à experiência, respeito à autonomia e ênfase na relação terapêutica produzem implicações éticas que permitem aproximações com o pensamento de Lévinas, algo já discutido em Vieira e Freire (2006). Assinalam ainda que Amatuzzi (2012) já havia ressaltado a ACP como uma ética das relações humanas, com desdobramentos importantes na ciência psicológica.

Vasconcelos e Souza (2021), questionam o conceito de pessoa em Rogers, que se dá na valorização e centramento no *self*; enquanto em Lévinas, a alteridade precede esse elemento do humano. As autoras discutem então que a psicoterapia seja um contato de natureza intersubjetiva, no qual psicoterapeuta e cliente se apresentam como alteridade um para o outro, um convite para o acolhimento do diferente. A psicoterapia deve transcender a uma dimensão dual, na medida as relações sociais e ‘externas’ à psicoterapia atravessam os participantes e evocam o Terceiro levinasiano (Lévinas, 1980).

As autoras assinalam ainda que o desalojamento presente, quando se colocam em diálogo duas perspectivas tão diferentes, possibilita um caminho potente para uma clínica que não espera “compreender esse estranho que se mostra, mas [...] legitimar seu espaço” (Vasconcelos, & Souza, 2021, p. 197). Nesse sentido, corroboram aquilo que foi discutido por Vieira e Freire (2006), Vieira (2017) e Brito et al (2021), e apostam em releituras da ACP que indicam um lugar a ocupar, olhando para o inesperado, para o excesso e as rupturas que são intrínsecos ao processo de vida humana.

Proposta de um estilo de clínica com crianças inspirada na filosofia de Lévinas



Vasconcelos e Souza (2021; 2022a) apresentam que o modo de ser do psicoterapeuta na teoria rogeriana diz de uma atuação clínica mais livre, do ponto de vista da relação com o cliente (seja ele adulto ou criança), na medida em que este é quem guia a psicoterapia, pois é quem pode falar de si com mais propriedade. Nesse contexto, a filosofia de Lévinas pode representar uma fundamentação que provoca o psicoterapeuta para a abertura à alteridade da pessoa atendida.

A proposta clínica infantil discutida por Vasconcelos e Souza (2022a) é diretamente ligada à noção do infinito apresentada por Lévinas (1980; 1993), compreendendo esta em acontecimento na criança. Além disso, discute o papel da alteridade na ludoterapia não-diretiva de Axline (1980). As autoras entendem que a clínica infantil pode ser aprimorada quando se está disposto a criticar um modelo egocêntrico, que reduz o Outro ao Mesmo, e quando se pode apontar “caminhos de acolhimento da alteridade” (Vasconcelos, & Souza, 2022a, p. 2) que se apresenta na criança que é atendida.

Tendo como base uma apreciação crítica acerca da noção de infância socialmente construída, Vasconcelos e Souza (2022a) debatem o papel do psicoterapeuta nesta seara, apontando ampliações à técnica ludoterapêutica de Axline. As autoras consideram fundamental a anamnese e as sessões de devolutiva com a família, assim como o contato com a escola e com outros profissionais que atendam a criança. Esta sinalização acerca das práticas desenvolvidas na clínica infantil contemporânea é relevante, pois se constitui como condição de possibilidade para a atuação com o público infantil, de acordo com a literatura, independente do referencial teórico do psicoterapeuta (Aguilar, 2014; Fernandes, 2016; Brito, Montezuma, Melo, & Moreira, 2020).

Dentre as propostas psicoterápicas existentes para o público infantil, a partir da ACP, Vasconcelos e Souza (2022b) apontam a psicoterapia individual e a de grupo. Sinalizam que enquanto na intervenção individual, psicoterapeuta e criança manifestam-se enquanto alteridade um para o outro. Já no trabalho de grupo, em adição, as crianças precisam lidar com a alteridade das outras crianças. Diante desse dado, as autoras sinalizam que a psicoterapia de grupo seria a mais adequada para a inclusão e acolhimento da diferença e da alteridade radical, dado apontado em outro estudo encontrado no levantamento realizado neste artigo (Vasconcelos, & Souza, 2021).

Ao adentrar mais diretamente sobre as questões práticas da Ludoterapia Centrada na Criança e o papel desempenhado pelo ludoterapeuta na situação de psicoterapia de grupo com crianças, Vasconcelos e Souza (2022b) referenciam os escritos de Axline (1980) para fundamentar a experiência de uma das autoras com um grupo infantil. A efetividade dos grupos em ludoterapia tem sido descrita em pesquisas (Campos, & Cury, 2009; Basso, Souza, Araújo, & Cândido, 2020) que concluem que este tipo de atendimento contribui para que as crianças desenvolvam vínculos significativos, compartilhem experiências, aprimorem sua criatividade e aumentem suas habilidades na lida com conflitos.

Apesar de ter sido usado no estudo de Vasconcelos e Souza (2022b) como um procedimento metodológico, verifica-se que as versões de sentido (VS) também contribuíram sobremaneira para uma maior percepção clínica das condutas da psicoterapeuta e dos comportamentos e sentimentos expressos pelas crianças. A VS é instrumento formulado por Amatuzzi (2008) para o aprimoramento de profissionais nas situações de atendimento psicológico. Posteriormente, passou a ser utilizada em pesquisas de inspiração fenomenológica pois, o instrumento em si tem fundamentação na fenomenologia de Merleau-Ponty (2001), segundo o autor.

Contudo, as autoras fazem uso ampliado daquilo que foi previsto na caracterização da VS descrita por Amatuzzi (2008), a saber: “a fala expressiva da experiência imediata *de seu autor* [...] um registro condensado do vivido” (p. 74-75, grifo nosso) e “uma forma de contato vivo com o sentido do encontro” (p. 77). O uso da VS, no estudo de Vasconcelos e Souza (2022b), se estende para a descrição das atitudes e comportamentos das crianças participantes. Em diversos trechos, não se verifica a descrição da experiência vivida da psicoterapeuta. Dessa forma, este instrumento pode se constituir como uma relevante estratégia metodológica que, a partir da descrição detalhada do fenômeno, possibilita maior acesso ao que ocorreu concretamente na psicoterapia com crianças.

Vasconcelos e Souza (2022b) também discutem sobre a atitude da psicoterapeuta de grupo. Num dos momentos, o encontro com as crianças foi desalojador e traumático (Brito, & Freire, 2014), colocando a psicoterapeuta em questionamento diante de seu papel naquele contexto. Mesmo questionando seu lugar profissional, a conduta crítica foi importante abertura de espaço para que as relações conflituosas, parte da dinâmica grupal, pudessem tomar seu curso. Esta confiança ligada à autenticidade na lida com a alteridade radical denota para as autoras um elo íntimo com a ética. As pesquisadoras constataram a presença inescapável de uma afetação vivencial (Brito, 2012), demonstradas pela frustração com o grupo, com as agressões ocorridas entre os participantes e com o questionamento da efetividade de habilidades da psicoterapeuta.

O estudo de Brito et al. (2021), que se propõe a uma sistematização dos atendimentos psicoterápicos com crianças na ACP, como descrito anteriormente, aponta as diferentes nomenclaturas como forma de diferenciar os elementos teóricos e interventivos presentes nas diversas propostas psicoterápicas. Além disso, assinala um estilo de clínica infantil a partir da releitura dos princípios de Axline (1980), dado que até esta autora enfatizava a não-diretividade como principal base para os princípios de sua prática. Brito et al. (2021), apontam essa releitura como um desenvolvimento teórico e metodológico do atendimento em contexto brasileiro.

Os autores não abordam dados acerca da modalidade de atendimento individual ou grupal (ainda que os autores suscitem, em sua escrita, o atendimento individual). Na relação com a criança, sinalizam para



relevância da qualidade de presença, da exigência de abertura e disponibilidade do ludoterapeuta para o descentramento do universo adulto. Também sinalizam que a escuta desse público tem como características o desalojamento e a vulnerabilidade traumáticas (Brito, & Freire, 2014) promovidos pelo desvelamento da alteridade infantil no atendimento. Nesse sentido, para além da proposta clássica de Axline (já revista), os autores assumem como eixo teórico a psicoterapia de Rogers na fase experiencial (Moreira, 2010) para a proposição de uma intervenção fundada na relação intersubjetiva.

Nesse sentido, um procedimento fundamental é o reconhecimento das noções de infância que atravessam o psicoterapeuta, para um posterior afastamento dessas compreensões, no contato com a criança na psicoterapia. Esse duplo movimento de reconhecimento e afastamento das pré-concepções promove e aprimora a disponibilidade para o encontro clínico em sua imprevisibilidade e para a criança como Outro, ou seja, em sua diferença. A disponibilidade converge e possibilita a qualidade de presença ao que a criança revela no atendimento, pela relação intersubjetiva com o psicoterapeuta (Brito et al., 2021)

Diferente do proposto por Axline (1980; 1988), para Brito et al (2021), o psicoterapeuta não fica distante fisicamente da criança, no decorrer dos atendimentos. Isso denota que a disponibilidade também diz respeito ao organismo como unidade psicofísica (Kinget, & Rogers, 1977). O organismo em totalidade, como instrumento terapêutico, constitui-se como abertura radical ao encontro com a alteridade. Isso fica manifesto, segundo o estudo, na comunicação estabelecida pela terapeuta com a criança, que se dá como experiência lúdica, no universo imaginativo dela, na forma como ela vive existencialmente e significa o mundo.

Brito et al (2021) assumem ainda, como ponto de partida, que é a relação intersubjetiva a promotora de mudanças, por meio das atitudes facilitadoras, elementos ausentes na proposta de Axline (1980) e presentes na obra posterior de Rogers (2017). Fundamentados na fenomenologia ética levinasiana, a releitura dos princípios da ludoterapia, já apontada acima, se apresenta conforme descrito a seguir: o vínculo como experiência de disponibilidade vivenciada pelo psicoterapeuta no encontro com a criança, em sua alteridade; a vivência da experiência de consideração positiva incondicional, promovida pelo reconhecimento e posterior descentramento do mundo adulto; a compreensão da psicoterapia como encontro intersubjetivo e experiencial, na qual criança e psicoterapeuta são corresponsáveis, no sentido da habilidade de resposta um ao outro; a manifestação da compreensão empática como atitude de “não-saber” sobre a criança antes que ela se revele; a extensão da compreensão da criança como ser individual para o reconhecimento das dimensões individual e relacional em sua existência; a experiência de encontro com a alteridade como promoção de afetação tanto na criança como no psicoterapeuta (Brito et al, 2021).

Um ponto em comum verificado nos estudos de Brito et al. (2021) e Vasconcelos e Souza (2022a; 2022b) é a exigência de abertura ao imprevisível no encontro psicoterápico. Independente da modalidade de psicoterapia – individual ou de grupo – é relevante reconhecer o que se produz afetivamente no encontro, ao que é experienciado quando o psicoterapeuta se depara com a alteridade da criança. Essa relação evidencia um desconforto, um desalojamento e um traumatismo que são inevitáveis e inescapáveis, como apontado desde Freire (2001), mas que não se costuma reconhecer na literatura sobre a clínica com crianças.

Compreende-se pelo apresentado nos estudos que o espaço da ludoterapia também constitui-se como um lugar de aprendizagem, não somente para as crianças, como também para o psicólogo, que precisará ser disponibilidade para o imprevisível, para o inesperado, seja em uma clínica psicológica individual ou grupal. A atitude de rompimento com qualquer possibilidade de totalização da criança constitui um ‘solo’ no qual novas formas de ser e de estar podem acontecer, na imediaticidade do encontro.

A pandemia de COVID-19 e a Ludoterapia Centrada na Criança

Este tópico se volta a uma lacuna percebida no levantamento descrito no método, pois os estudos encontrados não apontam elementos que relacionem as práticas de LCC e a COVID-19. Apesar de terem sido publicados após 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a situação com o coronavírus era pandêmica. Diante desse cenário, as práticas psicológicas foram suspensas em modalidade presencial e precisaram tornar-se, compulsoriamente, virtuais. Os estudos encontrados não discutem a temática da virtualização das práticas psicológicas.

Diante deste inesperado cenário, Brandão e Zanella (2021) observam o surgimento do fenômeno “psicólogo.com” para crianças e adolescentes, algo excepcional no contexto brasileiro. Contudo, sinalizam que a categoria ainda está desbravando um novo espaço, ao “ampliar as possibilidades de reflexão do fazer psicológico em tempos tão atípicos” (Brandão, & Zanella, 2021, p. 16). Ou seja, se os atendimentos mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) com crianças ainda eram pouco explorados no Brasil até então, esse processo torna-se ainda mais desafiador no cenário de restrição social compulsória e imediata, como o da atual pandemia.

A ausência de achados sobre atendimentos infantis na LCC mediados pelas TIC’s, no contexto da pandemia, sugere uma carência de publicações científicas brasileiras desse tipo. Como foram considerados nesta pesquisa apenas artigos científicos, a revisão não buscou contemplar outros tipos de estudo, o que poderia ter ampliado os achados. Apesar disso, o resultado pode se constituir como um indicativo de que a teoria e



a prática da LCC não apresentou estudos teóricos ou interventivos para a modalidade virtual em periódicos científicos brasileiros.

Em outros referenciais teóricos verifica-se a existência de estudos acerca da psicoterapia *on-line* com crianças, principalmente em livros que tratam da temática da infância, da psicoterapia e da situação pandêmica. O contexto fica ilustrado pelos trabalhos de Moreira e Oliveira (2021) e Brandão e Zanella (2021). Aprofundando a questão, a Sociedade Brasileira de Psicologia também lançou recentemente o Dossiê COVID-19 (SBP, 2022), com diversos artigos que envolvem os aspectos da pandemia ligados à saúde mental e ao fazer psicoterápico. No referido dossiê, são apresentadas discussões sobre os impactos psicológicos da COVID-19 e da pandemia para o público infantil.

O afastamento social acabou por acarretar mudanças que exigiram readaptação no estilo de vida de milhares de famílias. Em se tratando do contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades sociais, as formas de aliviar o isolamento com o atendimento psicológico mediado por TIC's não foram exercidas com equidade (Pavani et al., 2021), seja pela conjuntura econômica, seja pela falta de democratização das tecnologias.

Mesmo que o atendimento psicológico *on-line* de crianças esteja previsto na legislação (CFP 2018; 2020), ainda existem discussões acerca de suas implicações para os pacientes. Racine et al. (2020) e Torres et al. (2022) advertem que a presença física é um grande facilitador para a atuação em psicologia, principalmente para as crianças. Segundo os autores, a presença física pode proporcionar um vínculo mais forte, contribuir para o sentimento de segurança na criança e aumentar a eficácia da psicoterapia. Indicam ainda que o Brasil é carente de estudos que ofereçam melhores diretrizes para os profissionais da psicologia que atuam em modalidade virtual.

Não obstante os pontos discutidos no trabalho de Racine et al. e Torres et al., os atendimentos psicológicos mediados por TIC's são reconhecidos e regulamentados pelo Conselho Federal de Psicologia desde 2012, e a resolução atualmente vigente foi publicada 6 anos depois (CFP, 2018). Por conta da restrição social imposta pela atual pandemia, houve flexibilização de alguns artigos da resolução de 2018 (CFP 2020), com vigência até o momento da escrita deste estudo. Esta resolução viabilizou a rápida migração dos atendimentos presenciais para o modo remoto, incluídos aí os atendimentos infantojuvenis.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo discutir como a Ludoterapia Centrada na Criança tem sido desenvolvida teórica e interventivamente no Brasil, na atualidade. Inicialmente, a pesquisa tinha como eixo de justificativa o reconhecimento das propostas teóricas posteriores ao trabalho de Axline. Contudo, o contexto da pandemia da COVID-19 amplificou eixo de problematização, o que repercutiu no levantamento realizado nas bases de dados.

Os quatro estudos encontrados, todos oriundos de pesquisas desenvolvidas no Nordeste brasileiro, demonstraram que a Ludoterapia Centrada na Criança tem sido um eixo de pesquisas nessa região. Isso confere destaque da região Nordeste, em relação ao cenário brasileiro e reforça dados já apontados na literatura que demarcam essa região como importante polo de aprimoramento científico na psicologia humanista e fenomenológica.

Também chama a atenção que todas as pesquisas encontradas no levantamento tenham como fundamento a filosofia fenomenológica de Emmanuel Lévinas. Esse autor tem menor destaque nas discussões filosóficas que atravessam a psicologia, quando se verificam estudos que apresentam fundamentação fenomenológica. Enquanto na filosofia, Lévinas é apresentado como um contemporâneo de Husserl, junto de Heidegger e de Merleau-Ponty, na psicologia a sua filosofia não costuma ser abordada nos estudos.

Verifica-se, a partir do levantamento realizado, que o atendimento *on-line* com crianças na LCC é carente de estudos em periódicos científicos, o que pode apresentar-se como um campo aberto de pesquisa e práticas, mesmo que atualmente o distanciamento social tenha cessado. Este espaço, ao ser percorrido, pode ampliar as possibilidades interventivas para o público infantil, especialmente diante das consequências que podem surgir após a pandemia nas situações de sofrimento psicológico manifesto em crianças.

Como limitações deste artigo, entende-se que, ao priorizar a utilização de uma única base de dados, ao delimitar o período entre 2017 e 2022 e ao restringir-se aos artigos desenvolvidos e publicados no Brasil, a quantidade de pesquisas pode ter sido menos representativa do contexto nacional. Estudos podem ter sido publicados em capítulos de livro, prática comum no meio rogeriano. Por outro lado, ao fazer a opção pela BVS, entendeu-se que essa base de dados concentraria o acesso a um número relevante de artigos e que isso possibilitaria a apresentação um cenário representativo do panorama brasileiro.

Os quatro trabalhos aqui analisados remetem ao quadro atual de pesquisas desenvolvidas no Brasil e indicam reflexões relevantes e representativas de mudanças na Ludoterapia Centrada na Criança, o que sinaliza avanços em relação à ludoterapia não-diretiva de Axline. Esta constatação se verifica, principalmente, no que diz respeito à questão ética, refletida em tomada de posições e estabelecimento de atitudes que buscam o acolhimento à alteridade radical da criança que chega à psicoterapia.

No trabalho em tela, considera-se necessário o desenvolvimento de pesquisas teóricas com aprimoramentos metodológicos condizentes com as particularidades brasileiras. Ressalta-se ainda a necessidade de



mais estudos empíricos sobre a psicoterapia com crianças na ACP, em diferentes modalidades, seja individual, de grupo, presencial e *on-line*. Verifica-se, diante de possíveis efeitos ainda desconhecidos na saúde mental infantil, um contexto fértil para o desenvolvimento de estudos que contribuam para o alívio do sofrimento infantil promovido ou aumentado pela pandemia da COVID-19.

Referências

- Aguiar, L. (2014). *Gestalt-terapia com crianças*. São Paulo: Summus.
- Alves, S. D. I. (2022). *O atendimento clínico infantil na abordagem centrada na pessoa*. Rio de Janeiro: Ed. Matilha.
- Amatuzzi, M. M. (2008). Versão de sentido. In: Amatuzzi, M. M. *Por uma psicologia humana*. Campinas: Alínea, 75-89.
- Amatuzzi, M. M. (2012). *Ética Humanista e Psicoterapia*. Campinas: Alínea.
- Araújo, I. C., Vieira, E. M., & Branco, P. C. C. (2022). Pessoa, en-contro e presença: abordagem centrada na pessoa ante a alteridade. *Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity*, 14(2), 1-13. Disponível em <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22455/1022>
- Axline, V. M. (1980). *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Axline, V. M. (1988). *Dibs em busca de si mesmo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Basso, L., Souza, R. M., Araújo, S. & Cândido, C. L. (2020). A possibilidade de transformação do sujeito a partir dos vínculos no grupo psicoterapêutico infantil. *Vínculo – Revista do Nesme*, 16(1), 52-68.
- Bento, A. (2012). Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. *Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)*, 7(65), 42-44. Disponível em <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>
- Branco, P. C. C., & Cirino, S. D. (2017). Circulação de artigos brasileiros sobre Carl Rogers: ascensão, renascimento ou declínio? *Rev. Subjetividades*, 17(2), 1-11. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v17n2/01.pdf>
- Brandão, C. L., & Zanella, R. (2021). *Psicoterapia on-line infantojuvenil em tempos de COVID-19: clínica em Gestalt-Terapia*. Curitiba: Juruá.
- *Brito, R. A. C., Freire, J. C., Bloc, L. G., & Moreira, V. (2021). Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança-desenvolvimento histórico. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 27(2), 213-226. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v27n2/v27n2a09.pdf>
- Brito, R. A. C. (2012). *A criança como Outro: uma leitura ética da ludoterapia centrada na criança*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6811>
- Brito, R. A. C. (2020). *A Psicoterapia com Crianças na Clínica Humanista-Fenomenológica*. Tese de Doutorado, Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza. Disponível em <https://www.unifor.br/web/guest/bdtd?course=1001®istration=1624912>
- Brito, R. A. C., & Freire, J. C. (2014). Ludoterapia centrada na criança: uma leitura a partir da ética de Emmanuel Lévinas. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, 20(1), 118-127. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21408>
- Brito, R. A. C., & Paiva, V. M. B. (2012). Psicoterapia de Rogers e ludoterapia de Axline: convergências e divergências. *Revista do NUFEN*, 4(1), 102-114. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v4n1/a09.pdf>
- Brito, R. A. C., Montezuma, S., Melo, A. K. S., & Moreira, V. (2020). A Psicoterapia Infantil no Setting Clínico: Uma Revisão Sistemática de Literatura. *Contextos Clínicos*, 13(2), 696-721.
- Campos, A. P. S., & Cury, V. E. (2009). Atenção Psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(42), 115-121. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100014>



- Capistrano, A. C., Marques, L., Andrade, L., Christof, C. D., Tibúrcio, M., Ananias, L., & Anunciação, L. (2022). Os possíveis efeitos das medidas de distanciamento social: aspectos socioeconômicos e psicológicos. *Cadernos de Psicologia*, 2(2), 1-12. Disponível em <https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/139>
- Conselho Federal de Psicologia (2018). *Resolução CFP 11/2018 comentada: orientações sobre a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia de informação e comunicação*. Disponível em <https://e-psi.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Resolu%C3%A7%C3%A3o-Comentada-Documento-Final.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (2020). *Resolução nº 4, de 26 de março de 2020*. Disponível em <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=004/2020>
- Crenshaw, D. A., & Kenney-Noziska, S. (2014). Therapeutic presence in play therapy. *International Journal of Play Therapy*, 23(1), 31-43. Disponível em <https://psycnet.apa.org/fulltext/2013-45574-003.pdf>
- Feitosa, M. A. G., Júnior, R. M., Souza, W. C., Bernardino, L. G., & Melchhiades, A. M. (2022). Impactos da Pandemia da COVID-19 sobre a Sensação e a Percepção. *Cadernos de Psicologia*, 30(1), 1-30. Disponível em <https://cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/146>
- Fernandes, M. B. (2016). Psicoterapia com crianças. In: Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Figueiredo, N. (1990). Da importância dos artigos de revisão da literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 23(1), 131-135. Disponível em https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/09/pdf_6245ece57c_0018790.pdf
- Freire, J. C. (2001). As psicologias na modernidade tardia: o lugar vacante do outro. *Psicologia USP*, 12(2), 73-93. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200005>
- Garcia, S. S. (2002). Diretrizes da Ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa. In: Gobbi, S. L., & Missel, S. T. (org.). *Vocabulário e noções básicas da Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo: Vetor, 184-201.
- Kinget, M. G., & Rogers, C. R. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. Vol. 1. Belo Horizonte: Interlivros.
- Lévinas, E. (1980). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lévinas, E. (1993). *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes.
- Morais, M. T. C. (2011). *Os significados de ludoterapia para as protagonistas do processo: crianças em atendimento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17479>
- Moreira, J. O., Oliveira, R. T. (org.) (2021). *Pandemia, crise e subjetividade*. Curitiba: Editora CRV.
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 537-544. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ls8wQg3NHdXzDxJ56Rw49qx/>
- Oliveira, S. M. (2021). Angústia, Eros e encontros inter-humanos: por uma clínica existencialista. *Rev. NU-FEN*, 13(3), 35-50. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v13n3/v13n3a05.pdf>
- Pavani, F. M., Silva, A. B., Olschowsky, A., Wetzel, C., Nunes, C. K., & Souza, L. B. (2021). Covid-19 e as repercussões na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42(esp.). Disponível em <https://www.scielo.br/j/rngen/a/YD6WWBgJmkcBY8jNsFypSd/?format=pdf&lang=pt>
- Pinto, M. A. S. (2010). A Abordagem Centrada na Pessoa e seus princípios. In: Carrenho, E., Tassinari, M., & Pinto, M. A. S. (org.). *Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes*. São Paulo: Carrenho Editorial, 57-93
- Porto, T. C. B. (2020). *Histórias infantis na Ludoterapia Centrada na Criança*. Rio de Janeiro: Matilha.



- Racine, N., Hartwick, C., Collin-Vézina, D., & Madigan, S. (2020). Telemental health for child trauma treatment during and post-COVID-19: Limitations and considerations. *Child Abuse & Neglect*, 110, e104698. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213420303537?via%3Dihub>
- Rogers, C. R. (1992). *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (2017). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 5-6. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Santos, R. P., Neves, E. T., Cabral, I. E., Campbell, S., Carnevale, F. (2022). Análise ética dos impactos da pandemia de COVID-19 na saúde de crianças e adolescentes. *Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem*, 26(esp.). Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/pPt5kg6Gf3bcCw3MZTgLvMC/?format=pdf&lang=pt>
- Santos, R. (2018). *Intervenção psicológica com Ludoterapia*. Lisboa: Pactor.
- Silva, W. C., Silva, C. O., Melo, K. C., Soares, A. N., Hernandes, L. F., Araújo, Z. A. M., Gonçalves, F. T. D., Silva, A. K. B., Carneiro, A. D. M., Oliveira, A. T. F., Carvalho, V. S., Santos, P. S. G., Cruz, J. S. O., Silva, N. O., & Souza, F. C. A. (2021). Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19. *International Journal of Development Research*, 11(04), 46248-46253. Disponível em <http://www.journalijdr.com/explorando-os-impactos-na-sa%C3%BAde-mental-de-crian%C3%A7as-durante-pandemia-de-covid-19>
- Sociedade Brasileira de Psicologia (2022). Dossiê COVID-19. *Cadernos de Psicologia*, 2(2). Disponível em <https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/issue/view/9>
- Torres, M. S., Arteiro, D. R., Resende, G. C., Ferreira, B. O., Araújo, W. F., Amorim, P. T., Santos, A. A., & Leitão, C. L. (2022). Potencialidades e Desafios do Atendimento Psicológico Online durante a Pandemia da Covid-19 na Perspectiva dos Profissionais. *Cadernos de Psicologia*, 12(1). Disponível em <https://cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/136>
- * Vasconcelos, A. S., & Souza, S. (2021). Carl Rogers e Emmanuel Lévinas: caminhos éticos na Abordagem Centrada na Pessoa. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(2), 189-201. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672021000200007
- * Vasconcelos, A. S., & Souza, S. (2022). Ludoterapia e alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas. *Psicologia em Estudo*, 27, e478000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/Yq7g-q4w6yWnyvVJwKYSLzjq/>
- * Vasconcelos, A. S., & Souza, S. (2022). O Infinito Infantil: Caminhos de Alteridade na Ludoterapia de Axline. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, e38415. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/PHDXMDVn-fpNfNkpsCwYsWHf/?lang=pt>
- Vieira, E. M. (2017). *Ética e psicologia: uma investigação sobre os ethoi da terapia centrada na pessoa*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AQKMGT/1/tese_emanuel_vsfinal.pdf
- Vieira, E. M., & Freire, J. C. (2006). Alteridade e psicologia humanista: uma leitura ética da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 23(4), p. 425-432. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400010>

Recebido em 17.04.2024 – Aceito em 22.11.2024